

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

GENIS-FORTE

ASSINATURAS
(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 8800
COLONIAS 13800
ESTRANGEIRO 28800
Numero avulso—1450
Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA
REDACTOR
LICINIO FERREIRA
EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida
à Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 1 de Janeiro de 1929

N.º 1

APRESENTAÇÃO

Temos por honra e dever que as nossas primeiras palavras exprimam um sentimento de Paz e Amor, o nosso verdadeiro sentir, o nosso veemente desejo, que sejam o pronuncio, um palido reflexo do futuro que absolutamente queremos e, por isso, com toda a sinceridade e satisfação saudamos: a Imprensa, os Comerciantes, os Empregados no Comercio e em geral quem trabalha e é honrado.

Motivos superiores á nossa vontade obrigaram-nos a retardar o inicio da publicação de «A Voz do Comercio» e impediram que este primeiro numero seja tal como queriamos que fosse.

Felizmente que temos hoje o grande prazer de apresentar este modesto Jornal á benevola apreciação dos leitores.

Fundamo-lo com a satisfação de cumprirmos um dever que a boa consciencia impõe a quem se preza de ser digno: o de contribuir para o progresso geral, para a felicidade de todos e principalmente da sua classe profissional, dos seus irmãos em trabalho e, portanto, no intuito de defendermos e auxiliarmos os Contabilistas e Guarda-Livros, a cujas classes temos a honra e satisfação de pertencer, e no desejo de prestarmos o nosso pobre concurso para o bem da Humanidade.

Creiam que não foi com mira em proventos que nós metemos a esta empresa, pois bem sabemos que a exploração dum jornal não dá lucros que compensem; tambem não foi por vaidade, porque para nós as grandezas mundanas valem tanto como o fumo dum cigarro.

Afigurou-se-nos e ainda estamos convictos de que um dos melhores meios de sermos uteis, de, ao menos, melhor podermos defender e

auxiliar a nossa Classe, era um jornal proprio e, por conseguinte, abalancamo-nos a fundar «A Voz do Comercio», animados pela nossa boa intenção e por aquéle verso de Camões:

«Sempre a fortuna foi
Do ousado companheira,
Do cobarde que a teme
Inimiga verdadeira».

Demos-lhe aquele nome, de preferencia a outro mais caracteristico, precisamente porque este Jornal não visa sómente a defender e auxiliar os Contabilistas e Guarda-Livros mas, tambem, a contribuir para o progresso social e, por isso, ele será: técnico, literario, moral, artistico, scientifico, etc., devendo, portanto, interessar não só aos Técnicos da Contabilidade, como ao Comercio e a todas as pessoas, tanto mais que não tratará de politica, podendo entrar em todos os lares. Só pelo titulo toda a gente verá que este Jornal lhe pode interessar.

Tem, pois, este Quinzenario, o mais largo ambito; terá, portanto, maior publicidade; será mais util, e por isso, deve ter melhores condições de vida e mais facilmente poderá vencer e progredir.

Importa-nos principalmente que ele viva, sendo o mais possivel benefico; porem, são poucas e mui debeis as nossas forças, são poucos e fracos os nossos recursos e, portanto, desejamos e necessitamos auxilio. Sim, para que ele vença e seja absolutamente proficuo é extremamente necessario que os nossos Colegas, pois que mais para eles é, —que todas as pessoas a quem possa ou deva interessar se interessem de veras por ele.

A Voz do Comercio

Desejamos Boas Festas e feliz
Ano Novo aos Ex.^{mos} Srs. Colabo-
radores, Assinantes, Anuncian-
tes e Amigos.

O valor e a utilidade de «A Voz do Comercio» dependerão, sobre tudo, do concurso que nos prestarem.

Creemos que os nossos Colegas não deixarão de nos auxiliar, para honra e prestigio da Classe.

Seria triste e até vergonhoso que os Contabilistas e Guarda-Livros Portugueses, que contam muitos colegas de elevado merito, não fossem capazes de sustentar e fazer progredir um jornal proprio.

Sim, para individual e colectivamente, porque é de toda a justiça, fazerem valer a sua auctoridade de profissionais, para que se reconheça o seu prestigio tecnico, para que ninguem se atreva a ofender a sua dignidade profissional, para que se imponham á consideração e estima de toda a gente.

E', pois, incontestavelmente necessario um jornal proprio—que seja possivelmente o ideal—e o concurso de todos a quem ele possa ou deva interessar.

Por isso, por descargo de consciencia e por que todo o nosso empenho é, como já dissemos, que este Jornal seja o mais possivel proveitoso a toda a gente e digno da nossa Classe, convidamos V. Ex.^{as} a honra-lo com a sua amizade e consequentemente a ser-lhe prestavel, quer recomendando-o, quer indicando-nos pessoas a quem o devamos enviar a fim de ver se

ficam assinantes, quer colaborando literariamente, etc.

*

O nosso programa e a nossa conduta poderão não agradar a todos; porem serão sempre e absolutamente, a-pezar-de tudo, honestos, isto é, dignos da consideração e até da estima das pessoas de bem.

Assim, jamais consentiremos que seja quem for se sirva deste Jornal para expansões de odio ou quaisquer ofensas, nem aceitamos colaboração que possa dalgum modo ser prejudicial, sobretudo moralmente, nem queremos anuncios que sejam perniciosos, ainda que nos possam dar muito lucro . .

Exprimimo-nos assim para que ninguem se atreva, a ofender-nos com propostas ou pedidos indignos.

Tambem, jamais, «A Voz do Comercio» enquanto estiver sob a nossa direcção, deixara de ser pela verdade contra a mentira; pela justiça, contra a injustiça; pela gratidão, contra a ingratidão; pelo bem, contra o mal; pelo fraco, contra o forte; pelo progresso contra o retrocesso.

Já dissemos e repetimos: o que mais nos importa não é o lucro que o Jornal possa dar, mas o contribuir para o bem dos nossos Colegas, para o bem de toda a gente, para o Progresso. E, note-se bem, para nós em face do Dever, não ha inimigos, nem mesmo amigos.

Se este Quinzenario não agradar, não será por falta de vontade e de esforço nosso, no cumprimento dos nossos deveres, não! . .

Iremos até ao maximo do sacrificio por ele.

Oxalá que ele viva e progrida.

Que satisfação não será para nós que o fundamos que muito o amamos!

Por nós ha de viver sempre e na Luz e pela Luz; isto é, honestamente, pela instrucção e educação gerais, pela Caridade, numa palavra: pelo Progresso, para que realmente seja benefico, para que possa haver quem com o calor que abraça o seu coração, proclame: Bemdita seja «A Voz do Comercio».

ATENÇÃO

Consideramos assinantes do nosso Jornal as pessoas a quem enviarmos este numero e o não devolvam no prazo de oito dias findos os quais enviaremos recibo para cobrança.

Currente Calamo

Quis a gentileza dos dirigentes da direcção de «A Voz do Comercio» e da Federação dos Amigos da Escola Primária que escrevesse duas palavras sobre a Federação, sem repararem que a colocavam em mãos débeis.

Aceitei a tarefa, por contar com a cooperação de ilustres camaradas de ideais a quem o lêma da Federação merece a simpatia que despertam todos os bons intuitos.

Em torno da escola é preciso despertar alegria e vida, incitar paixões generosas, aspirações elevadas, rasgos de ousadia nobre e altruista. E' muito preciso que os nossos filhos sejam na vida melhores e mais felizes que nós.

Esse desideratum só pode alcançar-se quando, por um movimento de simpatia, bem sentida, tivermos interessado pela escola popular todos quantos podem levar aos seus professores o estímulo, o alento, o carinho, a assistencia moral de que eles precisam tanto como da justa recompensa do seu trabalho.

Em vez de gritarmos contra o Estado pelo abandono a que vota as escolas, as crianças, trabalhemos tamb-m.

Esta é a tarefa já iniciada há oito anos pela Federação dos Amigos da Escola Primária e que ela quer continuar cada vez com mais intensidade, levando a sua acção a todos os recantos do nosso belo Portugal, tão certa está de que as dedicações que a animam hão de crescer em numero e em comunhão de inumeros esforços desinteressados e patrióticos.

Não devo deixar sem especial registo os estímulos e dedicação que de toda a parte está recebendo a colectividade que aqui represento e defendo.

E' o povo, a massa dirigida, que num instante admiravel do seu des-

tino começa a compreender o alcance da nossa iniciativa. E é a élite pensante que vem até nós, humildes executores da sua esclarecida vontade afirmar que a Federação dos Amigos da Escola Primária pode representar em Portugal um grande papel rehabilitador como instrumento da universalização da cultura.

Verifica-se que a fundação deste organismo obedeceu a uma imperiosa necessidade—foi oportuna—e que o grande sacrificio dos homens que o dirige não será perdido como fragil devaneio de românticos.

Ainda bem.

Não conhecemos de facto problema mais instante.

Sobre os desatinos e ódios que nos desorganizaram e dividiram, eis um forte laço de união, a mais bela e util iniciativa que pode apaixonar os espiritos generosos e bons . .

Coincidindo com esta influencia de incitamentos, a actividade dos corpos gerentes intensifica-se e metodisa-se.

Sem pretendermos cultivar o elogio, do qual somos quanto possível adversarios, temos de assinalar o esforço da actual Direcção.

Presidente, tesoureiro e secretarios que são em todas as colectividades o eixo do seu maquinismo estatal, trabalham sem descanso, silenciosamente, com uma noção estoica dos seus deveres.

Não calculam os que avaliam o esforço extranho pelo ruido que produza no exterior, a capacidade de abnegação desses três homens em cujas mãos, principalmente, estão entregues os destinos da Federação dos Amigos da Escola Primária.

Desembro de 1928.

Abel de Azevedo.

AGRADECENDO

Testemunhamos o nosso indelevel reconhecimento aos nossos prezados colegas Snr. Licinio Ferreira e Alberto Fernandes Leal, por da melhor boa vontade se terem prestado a exercer gratuitamente, em quanto o jornal não der

lucros, os cargos, respectivamente, de redactor e editor.

Agradecemos muito reconhecidos á «Empreza Ignis» o obsequio do desenho do nosso projecto do cabeçalho de «A Voz do Comercio».

SECÇÃO TÉCNICA

Imprudencias Financeiras

Entre os varios problemas do apos guerra, aquele que tem tomado um maior grau de intensidade é, evidentemente, o problema financeiro.

Os individuos, como os Estados, teem-se visto assoberbados com uma crise tremenda a que tentam dar remedio, procurando soluções e estabelecendo principios novos dentro do novo estado de coisas.

Cada qual, pelo seu lado, procura resolver a sua crise, mas nem sempre o fim em vista tem sido atingido por que nem sempre as soluções procuradas são decalcadas das conclusões a que se chegou depois de um aturado e metucioso estudo das causas e dos consequentes efeitos.

Haja em vista a falta de base em que assentam a maioria das soluções ou pelo menos, e por vezes, a sua falta de continuidade.

Os factores economicos, tam diversos e tão complexos, quer de ordem interna quer de ordem externa, (refiro-me não só aos Estados como aos individuos) teem sido muito mal estudados e conjugados, e até muito mal interpretados, para que se chegue a fim a conclusões interessantes.

Vemos, quantas vezes, que o mais simples problema é posto inversamente, tolamente digamos, em relação aos fins em vista, e, da conjugação dos seus termos, inicialmente mal postos em equação, sai geralmente um disparate.

Sentimos, como o naufrago, a vertigem do salvamento, mas não temos tido a calma, a presença de espirito necessaria para raciocinar metodicamente, esgotando-nos n'uma luta ingloriosa e terrivel e deixando-nos ir para o fundo no meio do desespero de uma luta contra epoteticos moinhos de vento.

Quem ha ahí que tenha estacado por momentos n'esse caminho de vertigem em que vamos, para descansar um pouco, tomar um pouco de ar e refletir com serenidade?

Todos nós homens de acção e de trabalho, caminhamos no meio de uma desoladora desorientação, cegos e surdos á voz da boa razão e do bom senso.

Todos nós acusamos o Estado de nos levar a camisa e por outro lado o Estado acusa-nos de lhe levarmos a pele, que é como quem diz de lhe não pagarmos aquilo que ao Estado é devido.

Não ha razão para isso como demonstrarei oportunamente.

A culpa é de nós todos e de mais ninguem.

Por mais ousado que isso pareça, nós somos pobres porque queremos, estamos atravessando uma crise tremenda por que fomos imprudentes e consequentemente imprudentes.

A guerra, que é a eterna culpada, sem razão para isso, não nos desgraçou; pelo contrario, enriqueceu-nos.

Quem nos desgraçou, quem nos colocou á beira do abismo, não foi a guerra, foi a nossa imprudencia, foi a nossa falta de calma, foi a nossa falta de raciocinio, foi a nossa falta de senso.

Mais, foi a cegueira dos lucros fabulosos que nos perdeu porque não estavamos preparados para ter dinheiro e sabe-lo administrar.

E' arrojada a afirmação? Sei bem que é e que tem muito quem discorde do que eu digo, porem, não me sentirei embaraçado para provar que tenho razão,

Antes porem de demonstrar as minhas razões, peço licença para lhes apresentar como razão inicial, e, sem mais expelicações, o seguinte:

Relatorio

A crise financeira que nos vem assoberbando ha anos a esta parte é a resultante da imprudencia colectiva.

Por toda a parte se tem procurado soluções para este estado de coisas e, a nosso ver, nenhuma d'elas ainda teve o condão de resolver o problema com outro caracter que não seja puramente transitorio e fora das boas normas.

Em boa razão, o que se praticou, foi nem mais nem menos do que solver honradamente os seus compromissos.

Tudo o que não seja isto mesmo não passa de subterfugios ou de processos mais ou menos habilitados de nos enganarmos a nós mesmo.

As conferencias internacionais teem aconselhado a estabilisação da moeda dentro de um novo valor em relação ao padrão ouro.

E porque não será o padrão ouro aquele que deve prevalecer dentro da sua pariedade?

Bem sabemos quanto tem custado ao paiz a valorisação da moeda, porem, o que tambem não ignoramos é a forma atribiliaria como tal valorisação foi feita e consequente quais os resultados atribiliarios dessa mesma valoriação.

Em todas as coisas da vida, quer dos homens, quer das sociedades, quer das coisas, ha leis imutaveis a que teremos de atender; tadavia, aquilo a que menos atenção se tem prestado, são exatamente essas leis.

Entramos dentro de uma nova fase de reconstituição financeira do paiz.

Para a resolver tentou-se o recurso, mais uma vez, do credito externo.

De todos é conhecido o que se passou sobre este assunto, para que seja preciso reproduzi-lo.

Ao nosso brio de portugueses repugna hoje — como sempre, de resto — receber lições que venham de quem talvez as não possa dar, e por isso, o governo da Republica, entendeu que não devia aceitar as lições que vinham de fora e muito menos as intervenções estranhas nos nossos negocios.

Seria desairoso mesmo, para o nosso brio e para a nossa altivez, irmos seguir as teorias que nos dizem ser as melhores, quando outras ha que se lhes podem e deve antepor.

Copiar, nem sempre é bom; é preferivel antes produzir improvisar.

A imprudencia colectiva, creou o estado de coisas actual?

Pois que a reflexão e o bom senso procurem agora suplanta-la e reduzila á sua verdadeira e unica condição resgatando os erros do passado.

O sistema que é imposto pelo actual decreto não sendo em principio a redução imediata ao padrão-ouro nem a estabilisação da moeda, é todavia uma e outra coisa conjugadas por forma a valorisar-la sem provocar os inconvenientes terriveis que já se fizeram sentir anteriormente por egual motivo.

Não cabe, nas curtas considerações da um relatorio d'estes, innumerar varios factos que serviriam para demonstrar cabalmente a razão de ser d'esta medida, e por isso, e porque facil será aqueles que se dedicam a estudos d'estes avaliar do alcance das medidas

que ora são decretadas, para o que não terão necessidade de grande trabalho, nos dispensamos de aqui as reproduzir.

Uma afirmação ficará de pé, e, essa, é aquela que se consubstancia na declaração preempatória de que, tendo o Estado recorrido ao credito interno, por meio de uma enorme circulação fiduciaria, ao Estado cumpre saldar as suas dividas aniquilando-a pela sua gradual iliminação ou valorisação.

Não é preciso para isso reduzir a fortuna real de ninguem; não indicam os principios da dignidade que o Estado seja o primeiro a ser menos honesto.

Que cada um fique sabendo o que realmente possui, é o que se torna absolutamente necessario, e assim, apresento o seguinte:

Projecto — Decreto

Artigo 1.º — A partir de 1 de Janeiro de 1929, todas as casas comerciais, industriais, agricolas, bancarias, e, de uma maneira geral, todas as empresas singulares ou colectivas estabelecidas dentro do territorio da Republica Portuguesa, são obrigadas a ter as suas escripturações reduzidas ao padrão ouro.

Art. 2.º — A formula a adoptar será o valor do seu capital e fundo de reserva legal dividido pelo coeficiente da desvalorisação da moeda, em 31 de Dezembro de 1928, sendo levada a diferença á conta de «Reserva Cambial».

Art. 3.º — Todas as operações e transacções serão feitas em moeda corrente mas escripturadas com a redução ao padrão ouro, sendo levadas as diferenças, durante o ano, á conta de «Diferenças de Cambio», as quaes serão sempre eguaes ao valor da diferença entre o cambio de dia e o valor ouro.

Art. 4.º — Todas as contribuições do Estado serão cobradas em moeda corrente e a Direcção Geral da Contabilidade Publica dará as instrucções necessarias para que fiquem escripturadas d'acordo com o disposto no Artigo 1.º

§ unico. — O titulo a que devem ser levadas essas diferenças nas contas do Estado, é o de Reserva para Amortisação Fiduciaria.

Art. 5.º — Pela força do «Fundo de Reserva para Amortisação Fiduciaria», será adquirido todo o ouro indispensavel para que o papel moeda tenha uma reserva metalica equivalente a pelo menos 50 % do seu valor facial, para o que o Governo promulgará as medidas convenientes.

Art.º 6.º — Fica revogada a legislação em contrario.

*
* *

As medidas a que se refere o art.º 5.º são aquelas que resultam da intensificação da produção e da exportação, e do monopolio das cambiais de exportação que o Estado tomará sobre si, reprimindo o comercio de importação por todas as formas, sem contudo impedir aquela que seja absolutamente indispensavel.

O Fundo de Reserva para Amortisação Fiduciaria, pagaria em escudos papel o valor das cambiais, ao cambio do dia, e transformando lentamente em ouro pela sua compra, valorisando a moeda e fazendo paralelamente desaparecer por força da propria valorisação o fundo de «Reserva Cambial» nas contas particulares sem que, todavia, os interessados vejam prejuisos nos seus negocios visto que o poder de compra do seu capital aumentou como aumentou tambem o proprio capital.

A valorisação da moeda assim operada, mostra que enquanto o comerciante perde em valores epote-

ticos, ganha em valores reais consolidando-se assim a maioria das fortunas sem os inconvenientes da brusca valorisação, visto que todos se vão habituando a ter por exemplo, Esc. 20.000\$00 (ouro) em vez de Esc. 440.000\$00 (papel).

Assim, pois, vão vendo que enquanto que durante o ano ganharam Esc. 2.000\$00 (ouro) a sua reserva cambial baixou até ao ponto de se nivelar com o padrão ouro, o que daria em resultado consolidar, u'um dado momento, em 50 % pelo menos, as suas actuais fortunas.

Acho isto preferivel á estabilisação num determinado valor, que de resto é sempre inexato.

*
* *

Vamos porem reconstituir factos e estabelecer principios que foram desprezados.

Um medico, quando um doente lhe é apresentado, prescrua imediatamente o seu mal.

O seu estado febril, o seu estado de abatimento moral, o seu estado de exaltação, enfim, qualquer anormalidade, é um indice precioso para um diagnostico mais ou menos perfeito.

Neste caso de que vimos tratando, quem são os medicos, quem são as entidades que deveriam prescrutar a normalidade do doente?

Sim, porque o Estado pelo seu ministro das finanças e os particulares por os seus Bancos (instituições de credito em que os financeiros pontificavam) tinham obrigação de saber o que estavam a fazer e de, calculando os resultados presentes, prever as consequencias futuras de tal estado de coisas.

Fizeram isso? E' o que eu vou mostrar e demonstrar nos artigos subsequentes.

Para já porem, lembro que a sabedoria do povo diz nas suas frases simplistas que «o que se não faz no dia de S.ª Luzia se faz ao outro dia» razão pela qual aquilo que se não fez em 1915 e d'ahi por diante, ainda hoje se pode fazer.

Por isso eu não fui buscar o que se devia ter feito então e aconselho o que se deve fazer hoje, apresentando o projecto que se leu.

Jorge Reis

(Continua).

CASAS COM FILIAES

Os grandes estabelecimentos, como os grandes Bancos, por exemplo, de ordinario têm agencias ou filiaes em diversas praças.

Ora, é evidente que o estado economico do proprietario, em tal caso, deve ser determinado pelo conjunto dos valores activos existentes na casa ou administração central e nas agencias ou filiaes, comparando-se este conjunto de valores activos com a massa passiva geral, isto é, com o passivo da administração central e das agencias ou filiaes. O balanço da casa central ou matriz deve compreender, por tanto em si, o activo e o passivo das agencias ou filiaes.

Na pratica se observam dois processos de escripturação para os estabelecimentos que têm agencias ou filiaes, a saber:

1.º Quando as agencias ou filiaes estão situadas em praças de facil comunicação, todas as suas operações são participadas á casa matriz ou administração central e esta as incorpora em seus livros.

2.º Quando as agencias ou filiaes não têm meios de facil comunicação com a central, a escripturação é feita nas filiaes, e

neste caso a matriz abre para cada uma delas uma conta que funcionará exactamente como a de um correspondente qualquer. Examinemos os dois casos.

I.

A escripturação é feita na casa central

Neste caso, a filial só tem de ordinario livros auxiliares ou facultativos, cujos lançamentos remete á administração central, em resumo, em epocha determinada. A casa central, de accordo com os dados que lhe são fornecidos, escriptura em seus proprios livros as operações realizadas pela filial.

Como é facil de compreender, a administração central tem necessidade de distinguir as operações proprias das operações da filial, e, para isto, fará seguir todas as contas relativas ás operações da filial da designação desta.

Assim, por exemplo, supondo-se que uma casa de S. Paulo tenha uma filial em Santos, deverá abrir para esta, nos seus livros, tanto contas dos valores movimentados naquela praça, como contas de resultado das operações ali feitas, como:

Caixa—Santos

Letras a Receber—Santos

Comissões—Santos

MERCADORIAS—SANTOS

Por occasião do balanço abrirá, então, uma conta de resultado definitivo das operações de Santos, a qual se denominará: —Perdas e Lucros—Santos, transferindo por ultimo o saldo desta conta para a conta propria de Perdas e Lucros.

Deste modo fica em evidencia o resultado das operações da agencia ou filial de Santos. Examinemos os lançamentos da administração central, neste caso, nos seguintes exemplos:

Mercadorias—Santos a Mercadorias—Geraes Nossa factura de hoje	20.000\$00
Moveis—Santos a Diversos a Contas Correntes—Santos a Luiz Brandão Um cofre de ferro, comprado a este a Caixa—Santos Reparo do mesmo—pago	2.500\$00 500\$00 3.000\$00
Caixa—Santos a Mercadorias—Santos Vendas a dinheiro	11.800\$00
Despezas Geraes—Santos a Caixa—Santos Vencimentos do pessoal e outras despezas	3.000\$00
Mercadorias—Santos a Perdas e Lucros—Santos Lucros s/ as vendas	3.500\$00
Perdas e Lucros—Santos a Despezas Geraes—Santos Saldo desta conta	3.000\$00
Perdas e Lucros—Santos a Perdas e Lucros Transferencia do lucro liquido	500\$00

Quando são muitas as agencias ou filiaes, pódem-se abrir contas assim: Mercadorias—Agencias; Caixa—Agencias; Letras a Receber—Agencias.

Estes titulos, como desde logo se comprehende, exigem a criação de livros auxiliares do Razoão em que cada categoria de valor das agencias tenha a sua conta propria.

Assim, por exemplo, a conta Mercadorias—Agencias será desdobrada num livro auxiliar onde poderá haver as seguintes contas: Mercadorias—Agencias A, Mercadorias—Agencia B, Mercadorias—Agencia C, e assim por diante, exactamente como se faz

com as contas colectivas, havendo tantas contas de mercadorias nesse auxiliar quantas forem as agencias.

A mesma cousa com a conta de Perdas e Lucros—Agencias, que terá o seu desdobramento num livro auxiliar exactamente como a conta de mercadorias de que acabamos de falar.

Por este modo tem-se a divisão do trabalho e o resultado de cada agencia.

(Continua)

Carlos de Carvalho

Contabilista brasileiro.

A ORGANIZAÇÃO COMERCIAL

Perder tempo é encurtar a vida. A riqueza como função da velocidade de circulação do capital

Segundo Gustavo Le Bon, sábio conhecido em todo o mundo scientifico pelos seus valiosos trabalhos, a riqueza depende da velocidade de circulação do capital.

«Pouco importa, diz aquele eminente homem de sciencia, que o capital seja minimo se, graças aos factores capacidade e trabalho, a sua velocidade circulação fôr consideravel.

Esta lei, continua o mesmo autor, é análoga àquella que rege em mecânica a grandeza da força viva, igual, como se sabe, a um meio do produto da massa pelo quadrado da velocidade.

Uma bala de pequena massa, animada de uma grande velocidade, é muito mais penetrante do que uma bala cem vezes mais pesada, mas de fraca velocidade.

Esta analogia mecânica deve ser introduzida nas definições de riqueza.

O ouro contido num cofre representa uma bala de espingarda immobilizada. Só a velocidade torna activos o ouro e a bala.

Na riqueza o factor velocidade depende sobretudo da capacidade: capacidade técnica dos empregados e sobretudo capacidade de direcção.»

Esta interessante analogia notada por Gustavo Le Bon, equivale a dizer que a prosperidade de um povo ou de uma simples empresa dependem, hoje, quasi exclusivamente, de uma organização perfeita.

A florescente situação dos Estados Unidos da America do Norte, pode dizer-se, é devida á observancia dos métodos preconizados pelo grande organizador e industrial Taylor. Segundo Taylor, a produção rápida é a riqueza; a produção lenta a ruina e a miséria. O seu sistema tem por fim aumentar o rendimento dos homens e das máquinas, e não é outra coisa senão a organização scientifica do trabalho.

Desnecessário é, pois, encarecer a impor-

tancia da organização, sabendo-se que dela dependem, quasi inteiramente, a prosperidade e o crédito de qualquer organismo económico, seja qual fôr a sua natureza.

A'queles poucos comerciantes que entendem poder dispensar uma organização, ainda que rudimentar, alegando que o número das suas transacções é pequeno e não tem a quem prestar contas, depressa viria o arrependimento, se algum dia pudessem chegar a conhecer todas as causas de insuccesso nos seus negócios. E' que, nos nossos dias, os velhos métodos rotineiros já não se compadecem com o enorme incremento tomado pelos diferentes ramos da actividade humana, e só quem estiver bem preparado e bem apetrechado poderá, na verdade, ter esperanças de vitória.

As vantagens de uma organização perfeita notam-se, porém, particularmente no alto comércio, onde a sua falta constitue um obstáculo sério ao desenvolvimento e á prosperidade de qualquer empresa.

Em grande parte a organização de uma empresa é da responsabilidade do contabilista.

A função do guarda-livros e, principalmente, do contabilista é, hoje, mais alguma coisa do que escriturar o *Deve e Haver* dos livros comerciais.

O contabilista, precisa, porisso, de possuir uma sólida instrução, um conhecimento perfeito do comércio e ter completado a sua educação profissional por um estágio de alguns anos na vida activa comercial. De facto só uma experiencia prolongada permite adquirir aquella soma de senso pratico de que o conta-

bilista teórico carece a fim de poder elaborar um plano geral de organização fundado na importância, na natureza e nas necessidades de uma determinada empresa; fornecendo todos os elementos de informação e dados estatísticos precisos; estabelecendo um «controle» rigoroso; e sem ultrapassar os limites do razoavel, simplificando tanto quanto possivel os serviços, de maneira a produzir um trabalho útil, claro e económico.

A preocupação contínua do organizador é o aumento constante das receitas e a diminuição progressiva das despesas.

Organizar é proceder de molde a conseguir-se um rendimento máximo com um dispendio mínimo de energia.

Para se chegar a este resultado, torna-se indispensavel melhorar todo o material comercial e técnico.

Quanto mais perfeito fôr o material de trabalho, mais tempo terão os comerciantes e os seus auxiliares, livres de tarefas fastidiosas e fatigantes, para consagrarem o seu pensamento á reflexão e aos lados scientificos dos multiplos problemas de que tem a tratar.

Perder tempo equivale a perder uma parte da vida; o tempo como a vida, uma vez perdidos, por preço algum os poderemos reaver. Na verdade, viver muito não é apenas durar muitos anos; no mesmo espaço de tempo, podemos viver muito ou pouco, conforme soubermos aproveitar ou não os poucos dias da nossa existencia.

Silvino Soto Maior.

PARTIDAS TRIPLAS

I

Com o grande desenvolvimento que hodiernamente vão tendo todas as manifestações da actividade humana, quer no campo scientifico, puramente intelectual, onde predominam por excellencia as hipoteses e as deducções mais ou menos abstractas, por meio das quaes se chega a demonstração de factos que desta ou daquela maneira vêm influir sobre a vida humana; quer no campo industrial, no qual vemos as manifestações da nossa actividade se patentearem sobre novas descobertas, alargando assim o seu campo a mais e mais vasto — é natural que todos aqueles que se dedicam ao estudo das sciencias economicas, das sciencias mathematicas e especialmente da Contabilidade, procurem por sua vez, com investigações incessantes, continuas, não só o aperfeiçoamento dos metodos de escrituração já existentes, como a descoberta de novos metodos, que tragam resultados mais praticos e mais expeditos no registrar das contas.

Assim é que vemos, desde Luca Paciolo, o

primeiro tratadista do metodo de escrituração chamado por partidas dobradas exposto em sua *Suma de Aritmetica, Proportioni e Proportionalità* publicada em 1494, uma serie enorme de autores de quasi todas as nacionalidades — italianos, portugueses, francezes, inglezes, allemães, russos, suissos rumaicos, etc. etc. — procurando aperfeiçoar a obra do frade franciscano, dando á contabilidade um cunho scientifico, com os seus principios, com as suas leis assentadas.

Se como diz Leautey (*Traité des Inventaires et des Bilans*, introdução, fol.º VII) os nossos economistas e os nossos legisladores têm por dever preconisar e espalhar por todos os meios possiveis a pratica da ordem obtida pela pratica dos principios da Contabilidade, isto em todas as camadas sociaes, como, perguntamos nós, espalhar essa ordem, como fazer com que todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas posições sociaes, possam usufruir os resultados beneficos colhidos com o registro de seus negocios de

uma tam clara, concisa e sintética maneira quão possível?

Melhorando e simplificando sobretudo os principios da Contabilidade de modo que possam ser aprendidos sem muito grande esforço e sem perda de muito tempo.

A Escrituração, na abalisada opinião do preclaro mestre Carlos de Carvalho (*Estudos de Contabilidade*, vol. I fol.ª 93) resolve o seguinte problema: — «Dados os elementos quantitativos e especificos de um patrimonio em determinado dia, e as variações multiplas sofridas pelo mesmo num periodo de tempo chamado exercicio, determinar o seu estado no fim desse exercicio».

E em que se resume actualmente o esforço de alguns tratadistas de Contabilidade? Em determinar a todo o instante o estado de um patrimonio qualquer, por meio de uma serie de lançamentos coordenados, embora o patrimonio tenha sofrido variações multiplas; essa determinação se dará independente de actos posteriores, chamados comumente inventario e balanço.

O inventario só servirá então para constatar as variações sofridas pelo patrimonio por causas que no momento de sua manifestação escapam ao registro dos livros, taes como as depreciações pelo uso, as deteriorizações originadas do mau tempo ou da propria natureza dos elementos componentes do patrimonio.

O inventario afirmam Leautey et Guilbaut (*La science des Comptes mise à la partée de tous*) deve resultar das proprias contas e deve ser permanente. Tal é a grande lei da organização de todo o sistema de contas que se prese de racional, contas essas resultantes das relações do trabalho e do capital no proseguimento das empresas. A lei desses tratadistas implica para o comerciante a determinação permanente do preço do custo real das mercadorias e para o industrial, o agricultor a determinação do preço do custo dos seus productos.

Será uma utopia a asserção dos notaveis tratadistas?

Utopia ou não, no dia em que um comerciante conseguir tam aproximadamente quão lhe for possível determinar o preço de custo real de qualquer um dos elementos que constituíam o objectivo de seu negocio, esse comerciante será um felizarado. poderá, como vulgarmente se diz, negociar de olhos fechados.

Que vemos na pratica quotidiana, que se dá em quasi todas as nossas empresas, quer commerciaes, quer agricolas ou industriaes? Para saber se os negocios vão bem ou mal, para se determinar o lucro ou prejuizo, *precisa-se esperar o fim do semestre*, quando o não o fim do ano.

E' uma lastima, porem é a realidade. Baixam-se os preços por temor da concorrência, cem reis, duzentos reis por kilo, por arroba ou por litro, é quasi nada, só assim se poderão acompanhar os preços estabelecidos pelos commerciantes rivaes.

No fim do exercicio, quando se esperava ga-

nhar um pouco, ainda que pouco, porem sempre alguma coisa, os lucros não aparecem. Porque? Porque uma pequena despeza daqui, outra pequena dali, não lançadas no preço de custo das mercadorias, mostram-se tam avolumadas em *Despesas Gerais* ou em qualquer outra conta, que por si só fazem desaparecer todo e qualquer lucro.

E' para corrigir essa falta de conhecimento immediato do resultado dos seus negocios, é para a determinação momentanea do estado de um patrimonio, depois de multiplas variações, tão preconizada por Eugène Léautey em quasi todas as suas obras e por muitas outras notabilidades de nossa sciencia—que se apresenta um escritor russo—Theodor Esersky—com uma pequena obra intitulada *Partidas Triplas*.

Bem se poderá dizer que as partidas triplas, como a logismografia de Cerboni, como a estatmografia de Pisani, como o systema *cameral* usado pelos alemães, especialmente na Contabilidade Publica, não passam de variações ou das partidas simples ou das partidas dobradas.

Mesmo assim as partidas triplas apresentam muita originalidade e racionalmente applicadas, talvez tragam mais um pouco de ordem no registrar de contas.

Trataremos no proximo numero do metodo de escrituração por Partidas Triplas, apresentando-o com todos os seus detalhes.

Transcrito da Revista Brasileira de Contabilidade.

José Mascarenhas.

ENTRE LEITORES

Esta secção é destinada a consultas tecnicas e respectivas soluções entre os leitores de «A Voz do Comercio»

Consultas

N.º 1. A, estabeleceu-se com dinheiro que lhe emprestou F e com o activo e passivo da firma R & C.ª, constituido de muitos e varios valores, que comprou por Letras seus aceites.

Pergunto: Deve escriturar aqueles valores, como inventario de abertura da sua escrituração, no livro: «Inventario e Balanços» selado?

Demetrio.

N.º 2. Um guarda-livros escriturou duma assentada, no Diário Selado, o movimento de sete mezes em lançamentos mensais da quarta formula.

Quando já tinha passado ao Razão o terceiro lançamento, verificou que ele estava incompleto, pois lhe faltava uma conta credora.

Qual a melhor maneira de retificar?

Provinciano.

SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

PRIMAVERA

D'onde é que vens, meu rico filho,
meu Fernando?
com esses olhos tão pisados, e o ar de quem
andou chorando?
— Fui com a Aninhas. Ha tanto sol
e o ar é tão brando!
Venho do campo, onde eu com ela
andei brincando.
— E olhas o chão! Estás hoje outro,
meu Fernando.
Diz: Foi a Aninhas? Que te fez ela? Quando?
— O que me fez? Disse-me assim: «Estas um homem,
Fernando! E' primavera, chegou a hora
d'ires amando!»
Fechou-me os olhos, beijou-os muito,
e aqueles beijos
erão de fogo, sinto-os queimando!
— Compreendo agora! Ah! Deus do ceu,
pobre Fernando!
A ela arranco-lhe os olhos, tiro-lhe a lingua!
— Não lhe ralhes, mamã! Tinha um olhar tão brando!
Ela só me fez bem! — disse Fernando.

Hugues Delorme
Trad Bernardo Lucas

A côr das "auras,"

Uma tese recente acaba de surgir, após uma descoberta de laboratório, e que um livro desenvolverá próximamente.

Trata-se da prova científica da existencia da alma, segundo um sábio julga ter encontrado.

A' electricidade, que é a fonte dos mais assombrosos prodígios, se deve essa descoberta, que, a ser verdadeira, desmoronará por completo todo o edificio da teoria materialista. O Sr. Géo Forgat, tendo assistido a certas experiências no laboratório do sábio em questão, *Rua des Beauz-Arts, 1, em Paris*, diz que seria demorad. referir pormenorizadamente as ditas experiências, podendo no entanto afirmar que, *sem contacto* (e a uma distância que variava de individuo para individuo), conseguiu, por efeito de um fluido próprio, cuja existencia ignorava, multiplicar a luminosidade de tubos de Geissler dos quais a sua mão se aproximava.

E acrescenta: — «Pouco depois, tendo nas minhas duas mãos tépidas um longo tubo, colorido de verde «jade» certo pó amarelo, que no referido tubo se continha.

Nas mãos de outros experimentadores, *com o mesmo tubo e o mesmo pó*, obtiveram-se tons de um azul intenso e cinzento prateado!

«Como toda a gente, tenho ouvido falar de auras matizadas, que os médiuns descobrem nos seus consulentes. Sorrimo-nos, ouvindo-os, como pode sorrir um cego de nascença ao dizer-se -lhe que os seus cabelos são louros ou o seu fato amarelo.

Mas depois que um aparelho — que não pode fazer batota nem tão-pouco divagar — me revelou a minha luminosidade e a côr dos meus afluvijs, reservo a minha ironia e os meus sarcasmos».

Transcrito de «A Vanguarda Espirita».

Bondade

Pratica o Bem com espontâneo ardôr,
Pois quem Bem-fáz, ha-de mil premios têr:
— Nêste mundo não ha crime maior
que desdenhar de quem se vê sofrêr. . .

Oliveira Passos.

Pelo Progresso

Combatei o alcoolismo, o tabagismo, as touradas, o carnaval, o jogo, etc.

O alcoolismo produz maiores estragos do que os tres flagelos historicos: guerra, peste e fome.

Gladstone.

*

O tabaco é sempre inutil, muitas vezes nocivo, ás vezes homicida.

Decroix.

*

Dizem que o cigarro tira
As maguas do coração;
Fumado, o cigarro acaba.
As maguas nunca se vão.

Vesen.

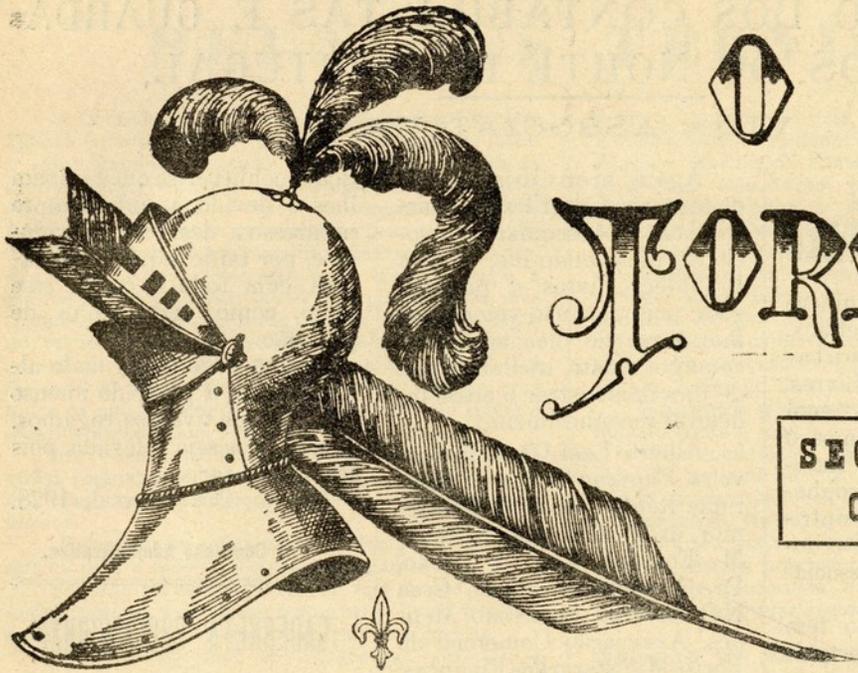
Lenda arabe

Um mau génio apresentou-se em casa dum homem, e disse-lhe: «Tu vais morrer, todavia conceder-te-hei a vida, mas com uma condição:

Hás-de matar teu pae, bater na tua mão, insultar tua irmã ou beber aguardente». O homem escolheu, sem tardança, e respondeu: «Insultar minha irmã?! E' abominavel! Bater na minha mãe? Antes queria cortar o braço do que erguer a mão contra ela! Matar meu pae? Antes a morte! Beberei a aguardente».

Bebeu, mas embriagou-se e injuriou a irmã, maltratou a mãe e matou o pae.

Transcrito de «O Espozendense»



TORNEIO

SECÇÃO PARA
OS NOVOS

Data de ha mais de uma dezena de anos o aparecimento do jornal literario *O Torneio* que, no seu genero e com os seus intuitos, veio prestar inapreciaveis serviços aos tirocinantes na arte de escrever para o publico. O seu successo foi enorme e a propaganda fez-se, mercê da simpatia que o jornal inspirára aos assignantes e leitores, conseguindo-se o que — rarissimos jornaes do nosso paiz, por ventura, terão conseguido, — isto é, que fosse conhecido no continente, nas ilhas adjacentes, nas possessões portuguezas da Africa e da India, chegando a fer assignantes em Goa, em Salsete, em Diu e em Macau, em Angola e em Lourenço Marques e nas colonias açoreanas da America do Norte. California e New Bradford.

No Brazil a mocidade academica, de S. Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Manaus dispensou-lhe o melhor do seu affecto.

¿E o que lhe acarretára tão grande successo? Tão sómente, o seu programa, que, não podêmos resistir a transcrever:

«Ninguém se poderá queixar de que Portugal, atendendo ao seu indice de analfabetismo, tenha poucos jornaes. Tem muitos; tem até demasiados para a população que lê. E, no entanto, não existe um só em que os literatos juvenis ou quem quer que acalente a esperança de escrever para o publico encontre facilidade de ingresso, acolhimento lhano, boa hospitalidade, terreiro para exercicios, e uma larga publi-

cidade para o pôr em contacto com esse mesmo grande publico que tanto ancea e tanto receia enfrentar. Quem começa, nada faz sem pratica. Por muita theoria que acumule, por muita inspiração que o anime e por muito que presuma da sua pessoa, a sua obra ha de apresentar, inevitavelmente, pontos fracos sobre os quaes recaia a critica, nem sempre benevola. ¿Mas onde faz-la? O melhor campo para um tirocinio literario seria o dos jornaes, se eles se prestassem a consentil-o nas suas colunas. Os jornaes de grande formato, de informação diaria, só se interessam por noticias sensacionaes e casos do dia. Os jornaes politicos teem a atenção absorvida pelas escaramuças partidarias. Os jornaes literarios, de reputação feita, só admitem escriptores consagrados, ou um ou outro, raro, literato noviço que se apresente bem apadrinhado. Os jornaes de collegio, minusculos e pouco interessantes, não vão alem de dois numeros de vida, se não fenecem logo ao primeiro. Restam os almanachs; mas, esses só aparecem uma vez por anno e reservam a maior parte do seu espaço para a secção charadística que n'elles tem os seus cultores.

O *Torneio*, conhecedor de tudo isto, propõe-se prehencher a lacuna, facultando as suas colunas aos que se sentem com disposição para escrever, desde que um benigno conselho de redacção julgue os escriptos em condições de serem admitidos. O *Torneio*, longe de ser um

repositorio exclusivo de prosas graves ou de versos de larga envergadura, será um escriptorio de sorrisos e de esperanças em que os novos de hoje e velhos de algum dia deixarão crystallizadas as primicias do seu talento.

Não serão de modelação impeccavel as joias enthesouradas (faltalhes para isso a pericia do artifice), mas sob a apparente rudeza da sua feitura, não raro se deixará sentir a existencia de scintillações de talento que o tempo se encarregará de ir pondo a descoberto.

Um dia veio a guerra, encareceu tudo, o jornal interrompeu a sua publicação, o director foi para fora e os novos tirocinantes em litteratura ficaram absolutamente privados d'um excellente jornal que tantos e tão impagaveis serviços lhes vinha prestando. E, se o pezar d'elles foi grande, não menos o foi o de muitas, muitissimas senhoras que tinha como leitoras.

Ao encetarmos a publicação de *A Voz do Comercio*, pareceu-nos azado o ensejo para lhe introduzir uma secção dedicada aos novos, moldada pelo sympathico *Torneio* com o mesmo intuito e dirigida pelo seu antigo director e fundador Sr. Correia de Faria que depois de muitas e profundas instancias nossas, accedeu obsequiosamente a dirigil-a, em homenagem a alguém que collaborára no *Torneio* e a morte arrebatou em plena mocidade.

A Redacção.

ASSOCIAÇÃO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS DO NORTE DE PORTUGAL

VIDA ASSOCIATIVA

Testemunho de gratidão

E' este o primeiro numero de «A Voz do Comercio», quinzenario dos Contabilistas e Guarda-Livros. Cumpre-nos, pois, e com todo o prazer satisfazemos o grato dever de, por ele, testemunharmos o nosso reconhecimento a quem tem contribuido para o progressivo desenvolvimento desta Associação.

Nesse sentido muito tem feito a Imprensa; principalmente os tres diarios desta Cidade, que indistintamente vamos mencionar:

«O Primeiro de Janeiro», «O Jornal de Noticias» e «O Comercio do Porto», os quais nos tem atendido sempre com excedivel generosidade e a mais penhorante gentileza, honrando esta Colectividade com as mais sinceras e frisan-tes provas de consideração e estima.

Tambem muito e da melhor boa vontade nos auxiliaram em beneficio da Associação os seguintes jornais:

«O Espozendense», «O Comercio de Vizeu», «Democrata Feirense», «Maria da Fonte», «Legionario de Gondomar», «Flor do Tamega», «O Penafidense», «A Patria», «Noticias da Covilhã», «O Vilarealense», «Comercio de Monção», «Gazeta de Espinho», «Correio de Mirandela», «O Marcoense», «Jornal da Beira», «A Fraternidade», «O Barcelos», «Eco de Ermezinde», «A Gazeta», «O Jornal de Estarreja», «Correio de Azemeis», «Alma Popular», «Jornal d'Albergaria», «A Republica», «O Seculo», «Diario de Noticias» e «O Regional».

Agora mencionaremos quem teve a gentileza e generosidade de obsequiar a Associação oferecendo-lhe, para a Biblioteca, livros e publicações; pois que não vemos melhor meio de lhes agradecer condignamente, melhor forma de lhes demonstrar o nosso indelevel reconhecimento:

Alberto Leal, Candido Craveiro, Floriano de Barros, Henrique Rebôlo, Nuno de Montemor, dr. J. J. Nunes, Antonio M. Fonseca, Lelo & Irmão, Dr. A. Ferreira Pinto, Casa Nun'Alvares, Sebastião Mendes, Associação Commercial do Porto, Ministerio das Finanças, Padre F. Conceição Cabral, Santa Casa da Misericordia do Porto, Sociedade Vegetariana, Ordem de Nossa Senhora da Lapa, Federação Espirita Portuguesa, Companhia Portuguesa de Tabacos, Biblioteca Nueva-Madrid, Associação Industrial Portuguesa, Biblioteca de S. Francisco de Sales, Arcebispo-Bispo de Vila Real, Amilcar César, Associação Commercial de Lisboa, Redacção da Voz de Fatima, Redacção da Voz do Pastor, C. C. de Ferro do Norte de Portugal, Casa Editora de A. Figueirinhas, L.^{da}, Celestial Ordem 3.^a da SS. Trindade, Sociedade Teosofica Portuguesa, Associação Industrial Portuense, Cruzada do Rosario, engenheiro Alfredo da Costa Marques e D. Antonio Barbosa Leão—Bispo do Porto.

Resta-nos incluir os nossos presados consocios.

Não faremos distincções, pois que, pareceu-nos ser isso preferivel entre irmãos, que o somos pelo trabalho; nem mencionaremos nomes, porque, isso será mais agradavel a todos.

Mas, é dever de toda a jus-

tiça reconhecer-se que tambem lhes é devido a vida sempre progressiva desta Colectividade e, por tanto, aqui consignamos, com todo o gosto, esse facto, como testemunho de gratidão.

Como pode ter-se dado alguma falta, a pezar do imenso cuidado que tivemos, rogamos, se a ha, nos seja relevada, pois foi involuntaria.

Porto, Dezembro de 1928.

A Comissão Administrativa.

CADERNETA PROFISSIONAL

A comissão encarregada de estudar o projecto apresentado pelo sr. Antonio Martins da Fonseca, concluiu, ha dias, o estudo do esboço do decreto devendo, por estes dias, iniciar o do respectivo regulamento. Concluido ele, dará conta dos seus trabalhos á Comissão Administrativa, afim de serem presentes aos srs. associados.

REUNIÃO TÉCNICA

Devido a ter faltado em 18 de dezembro de 1928 a luz electrica no Porto e, portanto, na Séde desta Colectividade, não pôde realizar-se a reunião técnica fixada para aquela data, ficando, por isso, adiada para 22 do corrente.

Reunião de Confraternização

No proximo dia 8 do corrente mês, realizar-se-ha, pelas 21 horas, na Séde desta Colectividade, uma «Reunião de Confraternisação».

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

REUNIÕES TÉCNICAS

O Conselho Técnico da Associação dos Contabilistas e Guarda-livros do Norte de Portugal deu início a estas Reuniões visando estabelecer a permuta de conhecimentos técnicos e consequentemente, relações de confraternização. Propoz as questões que lhe foram apresentadas e que valia a pena tratar, ainda que varias eram de somenos importancia; mesmo porque todos os socios effectivos tem iguais direitos e porque as Reuniões não são só para contabilistas, mas tambem para guarda-livros, muitos dos quais estão no incio da sua vida profissional e por conseguinte necessitam dos conselhos dos mais experientes e é de toda a justiça que estes auxiliem aqueles, pois todos os que já tem longo tirocinio, tambem tiveram identica necessidade, e quantos ainda a tem!...

Em nosso entender, não se deve desprezar os de pouca competencia, mas só os que não queiram aprender, os que não sejam honestos, os que não são dignos.

Talvez, agora, alguém diga: Mas quem não sabe que vá para a escola e depois que apareça...

Se algum assim pensa, não está dentro da boa logica; porque, para ser-se bom guarda-livros é necessario estudar toda a vida, frequentar tres escolas.

1.ª A escola onde se começa por aprender o a-b-c das partidas dobradas.

2.ª A escola da vida pratica, onde a experiencia ensina o que aquela jamais poderá ensinar.

3.ª A escola das «Reuniões Técnicas», onde todos serão a unos e professores. Todos?!?

Até os principiantes na pratica?!? Porque não?!? Pois em algum ponto por qualquer razão, não podem ser mais competentes que nós?

Ninguém possui toda a competencia...

Bem pensando, não há motivo para vaidades; mesmo, elas denotam condição de inferioridade...

E' pois, justo que todos os que são dignos se considerem, estimem e auxiliem como colegas.

*

Os promotores destas Reuniões tem-se esforçado o mais possivel por lhes dar o maximo desenvolvimento, pois todo o seu empenho é que elas sejam extremamente proficuas.

Nesse sentido propozeram ha tempos aos Srs. Associados varios assuntos de muita importancia a fim de os tratarem nessas Reuniões e dentro em breve alguns vão ser tratados e outros serão propostos; porem, é necessario fazer muito mais e, por isso, esperam e é de justiça que lhes não falte a cooperação da maioria dos Colegas, isto para honra e beneficio de todos.

*

Para melhor ilucidarmos a respeito da primeira Reunião Técnica, vamos transcrever na integra a respectiva acta.

Aproveitamos a oportunidade para informar os prezados Colegas de que podem tratar neste Jornal os assuntos versados nestas Reuniões.

Acta da primeira Reunião Técnica

Aos dez dias do mês de Julho de mil novecentos e vinte e oito, nesta cidade do Porto, e Séde da Associação de Classe dos Contabilistas e Guarda-livros do Norte de Portugal, na rua de Santa Catarina,

numero quinhentos e dois, effectou-se, a convite do Excelentissimo Presidente do Conselho Técnico, senhor Antonio Martins da Fonseca a primeira reunião Técnica desta Associação, presidindo o senhor Julio Gomes dos Santos, e servindo de secretarios os senhores José Esteves e Silvino Soto Maior.

Aberta a sessão, foram pelo senhor Presidente, convidados os socios presentes a apresentar a sua opinião sobre como deveriam ser resolvidas duas questões de contabilidade que constituem o unico objecto desta reunião e nos foram apresentadas pelos nossos dignos consocios numero trinta e cinco e numero um, a fim de lhes ser dada solução conveniente.

Questão primeira (Apresentada pelo socio numero trinta e cinco).

«Um comerciante em nome individual, estabelecido ha um ano, que não tinha escrituração, conservando porem todos os documentos respeitantes ao seu commercio, tratou agora de a organizar, verificando que e seu activo equilibrava aproximadamente o passivo «Estará, pois, em condições de requerer homologação de concordata, dentro de alguns meses, se a situação lho tornar necessario?»

Solução do socio senhor José Esteves

Concedida a palavra ao senhor José Esteves, este senhor occupou-se desta primeira questão fazendo notar os varios aspectos sobre os quais ela pode ser olhada, e concluindo por dizer que, em sua opinião, o concordado não poderá requerer homologação de concordata, não havendo, como lhe parece poder inferir do enunciado da questão referida, uma escrituração regular, com a qual se prove em juizo, claramente, que a insolvencia do comerciante foi puramente casual.

Solução do socio senhor Silvino Soto Maior

Seguidamente occupou-se desta questão o senhor Silvino Soto Maior, principiando por dizer que a solução da questão proposta é mais da competencia do advogado que do contabilista. No entanto, diz, dentro dos limites dos seus conhecimentos em materia de legislação commercial, não quer deixar de emitir o seu parecer fazendo uma analise rapida e sucinta de alguns requisitos principais a que, segundo a lei a concordata deve obedecer. Mostra que a concordata é um regimen de favor em que pode ser colocado um comerciante de finanças desequilibradas. Por tal motivo, continua, nenhuma concordata podem celebrar com os seus credores os comerciantes que tenham sido indiciados ou condenados por crime de falencia fraudulenta, enquanto sobre eles pesar essa culpa, ou não tenham expiado ou não lhes haja sido perdoada a pena em que tiverem sido condenados. (Codigo do Processo Commercial artigo dusentos e oitenta e nove). Passando a examinar as circumstancias em que a concordata pode ter logar, diz que ela pode ser apresentada antes da declaração de falencia ou depois, em qualquer altura do processo.

No primeiro caso, a lei estabelece que o comerciante que quer evitar a declaração de falencia, deve apresentar no tribunal respectivo, a proposta de concordata feita com os seus credores, acompanhada do balanço desenvolvido do seu activo e passivo e da escrituração relativa aos tres ultimos nos do seu commercio, ou ao tempo por que o tiver exercido, sendo mais recente (Codigo do Processo Criminal

artigo duzentos e noventa e nove). A recusa pelo tribunal da homologação da concordata implica por consequencia a immediata abertura da falencia. (Codigo do Processo Commercial artigo trescentos e doze). No segundo caso, a concordata tem por fim terminar rapidamente com o estado de falencia, e permite ao falido a administração dos seus bens, facilitando por esta forma a sua reabilitação economica. Pelo que fica dito, acrescenta o nosso consocio, vê-se que a concordata só produz os seus efeitos depois de devidamente homologada pelo tribunal competente. A homologação da concordata abre, portanto, ao comerciante uma nova situação juridica, o qual, por isso mesmo, não pode ser declarado falido por motivos anteriores á concordada homologada. Examinando finalmente, o enunciado da questão, o senhor Silvino Soto Maior diz poder inferir: primeiro. Que um comerciante em nome individual, embora sem escrituração durante o primeiro ano em que se estabeleceu, tem, contudo, o cuidado de guardar e conservar todos os documentos respeitantes ao seu commercio.

Segundo. Que o commerciante, com os elementos e documentos de que dispunha e guardou durante o exercicio, pôde «organizar» devidamente a sua escrita no fim de um ano, reconhecendo, nessa altura, que o seu activo equilibrava aproximadamente o seu passivo. Perguntando se se o commerciante estará, dentro de alguns meses, em condições de requerer a homologação de uma concordata, se a situação lho tornar necessario, o senhor Silvino Soto Maior responde que não vê motivo para que a homologação da concordata não possa ou não deva ser requerida, desde que não se prove no enunciado da questão a hipotese de commerciante ter deixado de cumprir os preceitos ou formalidades que a lei impõe para regularidade da escrituração. (Codigo do Processo Commercial artigo trescentos e vinte e dois). Todavia, conclue, admitida a impossibilidade de hoje organizar devidamente a escrituração, o falido poderá ser dispensado do cumprimento daquelas formalidades se a exiguidade do seu commercio e a falta de habilitações literarias rudimentares justificarem tal dispensa. (Artigo trescentos e vinte e dois do Codigo citado).

Solução do socio senhor Carlos Tavares Bastos

Pelo senhor Antonio Martins da Fonseca foi lida uma carta do senhor Carlos Tavares Bastos, desculpando-se de não poder comparecer nesta reunião, e comunicando que, em seu entender, não via razões para que a concordata não possesse ser homologada.

Solução do Consultor juridico desta Associação senhor Doutor Melo Leote apresentada por escrito do seguinte teor:

Consulta

Um commerciante em nome individual não tem escrita montada, conservando porem toda a documentação a ela respeitante. Pretende agora montar a escrita, e verifica que o seu activo equilibra aproximadamente o seu passivo. Ficará ele em condições de poder requerer homologação duma concordata, dentro de alguns meses, se a sua situação lho tornar necessario?

Resposta

Em rigor um commerciante não poderá requerer tal homologação porque expressa e terminantemente a

isso se opõe o artigo duzentos e noventa e nove do Codigo do Processo Commercial que exige a escrituração relativa aos ultimos tres anos do seu commercio, ou ao tempo porque o tiver exercido se for mais recente.

Contudo pode, alegando a exiguidade do seu commercio e a falta de habilitações literarias rudimentares, invocar, por analogia, a dispensa concedida pelo artigo trescentos e vinte e dois, materia sobre que o juri terá de vir a pronunciar-se, sendo assim a solução do caso muito dependente da atmosfera de confiança e benevolencia com que o commerciante conta no juri. De todas as formas convem-lhe organizar a sua escrita quanto antes, com a maior verdade, conservando toda a documentação anterior e aquela que justifique os lançamentos feitos. *O advogado - Melo Leote.*

Questão segunda (Apresentada pelo socio numero um.)

Constituiu-se uma sociedade por cotas com o capital de 20.000,00, (vinte mil escudos) assim subscrito:

A. 10.000,00 (dez mil escudos).

B. 5.000,00 (cinco mil escudos).

C. 5.000,00 (cinco mil escudos).

Foi realizado em numerario, do seguinte modo; A e B realisaram-no integralmente, C apenas metade.

A. cedeu a D., apoz ter assinado o contrato social e segundo ele, metade da sua cota. Pergunta-se:

Como escriturar o inventario e a cedencia da cota?

Ocupando se desta segunda questão, o senhor Antonio Martins da Fonseca, leu, em nome do Sr. Carlos Tavares Bastos, por este senhor não poder comparecer a esta Reunião, o seguinte parecer:

Como escriturar o inventario?— Não costumou escriturar o livro Inventaria e Balanços nestes casos.

E a cedencia de cota?

D...

a A...

Pelo valor da cedencia que o segundo fez ao primeiro de parte da sua cota, conforme respectiva escritura registada no Tribunal do Comercio etc etc.

Depois

A...

a D...

Pelo valor do pagamento que o segundo fez ao primeiro referente á cota que este cedeu... ou então tenho um registo de cotas (identico ao registo de acções) e onde registo a cedencia da cota sem fazer lançamento algum no Diario.

Em seguida o senhor Antonio Martins da Fonseca disse que discordava desta opinião, apezar de ser a de muitissimos guarda-livros.

Citou que o contabilista— professor senhor Francisco Guimarães, que estava presente, e como ele outros colegas muitissimo competentes, não o resolviam assim, mas dum modo mais perfeito e legal, que era quasi segundo o seu modo de ver.

Em resposta a alguns associados que haviam manifestado a sua discordancia em que numa reunião tecnica sejam apresentadas questões como esta, cuja solução, segundo disseram, era do conhecimento de todos os guarda-livros, declarou, por ter sido quem apresentou a questão que não quiz, de modo algum, ao apresentalá, supor que houvesse, entre os seus consocios, algum que não a soubesse resolver só pelo processo habitualmente empregado na pratica da vida comercial. E conclue dizendo que, permitindo-se não concordar, como não concordava, com a maneira como geralmente é feita a abertura da escrituração das sociedades por cotas, apresentar aquela questão

tendo em mira conhecer a opinião dos seus illustres colegas, sobre o assunto e colher elementos para uma conferencia que tencionava brevemente realizar sobre o mesmo tema.

Esta Reunião começou ás 21,45 horas (vinte e uma horas e quarenta e cinco minutos) e terminou ás 0, 16 horas (zero horas e quinze minutos).

A presente acta é assinada pela meza que presidiu á Reunião.

*

O estudo para formarmos os projectos tendentes a crear a caderneta profissional e a efectivar a obri-

gatoriedade dos comerciantes terem escrituração e outros de todo o interesse e urgente necessidade a que nos dedicamos com o maior empenho, pois que assim é mister, tem-nos obrigado, por varias causas, a grande dispendio de tempo, impedindo, pois, de realizarmos a prometida conferencia; Porem, não faltaremos á promessa.

Será realisada logo que nos seja possível, o que contamos ser brevemente.

Porto, Dezembro de 1928.

Antonio Martins da Fonseca.

INTERESSES PROFISSIONAIS

Palavras do contabilista Snr. José Antunes, escritas na «Gazeta do Empregado de Escritorio», ha anos, e que a nosso ver ainda é de toda a conveniencia divulgar

Vencida a barreira da indiferença, ultrapassado o obstáculo de descrença, a nossa Associação será um facto—de inicio, uma tentativa e, depois com o decorrer dos anos, uma inabalavel affirmação da nossa consciencia colectiva. Assim foi lá fóra. Lendo o relatório apresentado no ano passado aos nossos colegas francezes pelo secretario da Associação Française des Práticos da Contabilidade, verificamos, não sem uma certa admiração, que o referido organismo começou por—5 membros! De fundação recente, pois foi constituida a 10 de Julho de 1923, aquêl organismo conta, neste momento, 1498 membros.

Resultado, de certo, da tenacidade empregada na propaganda, mas, convém frisa-lo, reflexo da convicção dos nossos colegas sobre a utilidade da sua filiação.

...E, já que começámos, examinando o citado relatório, possigamos na sua leitura, porque dela se podem extrair curiosos ensinamentos, dignos de reflexão.

A Associação a que nos referimos conta, entre os seus componentes, três classes; effectivos, bemfeitores e honorários. A' segunda classe pertencem algumas entidades, como o sindicato dos Agentes de Cambio, o Crédit Lyonnais, o Banco de Paris e dos Países Baixo se alguns estabelecimentos de artigos de escritório.

A colocação de profissionais por intermédio dum organismo próprio e especializado.

Um dos mais delicados e uteis serviços que a Associação mantém é o da colocação.

Leitor, que já respondeste á humilhação do anuncio ou aguardaste com mais cem candidatos a vez de te mostrares, na esperança de ocupar um lugar da tua especialidade, — não te sorri a ideia de teres um organismo que recolha as ofertas e procuras e te encontre o cargo próprio a que honestamente aspiras, sem que seja forçoso humilhares-te, curvando a espinha?

Estamos certos que sim; e no entanto continuará apático ante a nossa persistente campanha?

Com que satisfação e esperança se lê na relatório esta passagem: o serviço de colocações alcançou um lugar preponderante nos meios industriais, comerciais e financeiros!

Quanto trabalho reflectido, metódico, continuado, isto representa; mas, de quanta utilidade, sobre tudo moral, é o esforço empregado no sentido de assegurar a esse organismo o bom desempenho das suas funções!

O immoralissimo pedido do amigo substituido pela natural oferta do profissional por intermédio do organismo especializado, ou seja, um penhor mútuo de satisfação -- eis o objectivo.

No ano de 1924, a A. F. P. C., registou 502 offercimentos de colocação e 435 pedidos, sendo colocados 228. O *écart* provem de nem todas as ofertas encontrarem candidatos habilitados ou dispostos a aceitar as condições inherentes. Prova, ainda, que se emprega o maior escrupulo no preenchimento de vagas, defendendo-se assim, no interesse mútuo, a seriedade dos serviços associativos.

Bom será notar que a eficacia e regularidade destes serviços se deve ao trabalho incansavel dum secretario associativo, que, no entanto, não dispensa a colaboração efectiva de todos os membros. Centralizados estes serviços na nossa Associação, não será grato a qualquer de nós dar-lhe o mais decidido apoio praticando um acto de solidariedade?

As reuniões mensais, estreitando a solidariedade entre os profissionais, realisam uma inteligente permuta de conhecimentos.

Fála-nos o relatório das reuniões da primeira terça-feira de cada mês, cujo relato é publicado no órgão associativo.

E diz-nos: «Sabeis que a simplicidade e a boa confraternisação aí reinaram sempre, creando assim um ambiente amável no qual apreciamos encontrarmo-nos, sempre que as nossas occupações no-lo permitem.»

Da lista dos assuntos tratados colhemos os seguintes, cujos titulos nos dão uma nota exacta da sua oportunidade e valor:

«Pontos de Vista sobre a contabilisação em francos ouro ou em francos papel; O cambio; flutuações, causas e effects»; A contabilidade duma casa editora; A contabilidade dum Banco de colocação de titulos»; Operações de cambio e a sua contabilisação; Plano de organização (o correto, a classificação); A reavaliação do activo immobilizado nas empresas comerciais e industriais»; A sintese do Direito»; A organização e a contabilidade dos transportes na industria»; A contabilidade agricola»; Exame do Codigo Comercial»; O exame e analise do balanço»; A permanencia do inventario»; «Os seguros» e tantos outros temas que a falta de espaço nos inibe de enunciar.

A difusão do extracto destas conferencias permite aos colegas da provincia inteirarem-se delas e até de fazer os seus reparos no órgão associativo, estabelecendo a preconizada emulação profissional, alem do esclarecimento definitivo de pontos que tenham ficado obscuros.

Urge desfazer a onda de scepticismo que pode formar-se, congregando os esforços dos que desejem realisar o ponto de vista da Gazeta e lançarmo-nos na execução do magnifico trabalho de solidariedade e dignificação profissionais.

Duas palavras

Ha muito tempo que se vinha sentindo sobremaneira a falta de um jornal especialisado em materia commercialista para estimulo de todos aqueles que se dedicam e vivem do comercio. Vem agora este periodico, despido de toda a vaidade e plenamente alheio a qualquer credo politico, preencher essa grande lacuna, tendo á frente como Director o distincto contabilista e professor Ex.^{mo} Snr. Antonio Martins da Fonseca, espirito lucido e excessivamente modesto e que por isso, me apraz render-lhe todas as homenagens de que aliaz é merecedor.

«A Voz do Comercio», portanto, propõe-se tratar de assuntos muito interessantes e de assuntos de alto interesse para todos aqueles que do comercio fazem profissão, razão porque, vai ser bem recebido e dentro em breve terá possivelmente, de aumentar a sua tiragem, ingressando assim na categoria dos grandes periodicos.

Ao contrario do que succede no estrangeiro, abundam em Portugal centenas de periodicos não especialisados que, apenas se fundam com o fim primordial de defenderem ou atacarem esta ou aquela politica, os quaes nada interessam á honrada classe dos guarda-livros a que muito me congratulo de pertencer, visto as nossas aspirações não serem as de nos sentarmos nas cadeiras do Poder, mas sim, as de cooperarmos com lealdade e sinceridade com o patronato para a grande expansão e progresso dos seus negocios.

Precisavamos dum jornal onde pudessemos expôr e desenvolver os nossos conhecimentos tecnicos, onde pudessemos estreitar as nossas relações com os colegas dispersos pelo paiz, onde pudessemos enfim pugnar com intelligencia pelos direitos que nos assistem... hei-lo; — agora que a sua fundação é um facto, restanos o dever moral de secundarmos o Ex.^{mo} Snr. Antonio Martins da Fonseca na sua espinhosa e ingrata missão, afim de proporcionarmos a este periodico um futuro auspicioso.

Avante pois; porque se o ditado reza A UNIÃO FAZ A FORÇA, a força de vontade faz a união e sem este criterioso prisma nada se poderia fazer de concreto visto que temos de esforçarmo-nos para nos unirmos, e, depois, então venceremos.

Alberto Leal

BENEFICENCIA

Uma cancerosa em estado muito grave e que vive na miseria, implora a vossa caridade. Mora na rua Fernão de Magalhães, n.º 99-2.º.

Recebem-se donativos nesta Redacção.

Redacção 10500

Notas de Teatro

Nesta terra de videirinhos e compadres, a critica teatral oscila entre louvaminhas bajuladoras e diatribes violentas. Tudo depende do modo como os criticos são tratados pelos emprezarios e artistas, e principalmente dos fins que aqueles teem em vista.

O critico não estuda, não confronta, não procura sendo imparcial acertar; trata geralmente de governar a vida por meio das suas rabiscadelas, junto dos emprezarios arranjando traducções e *borlas*, e junto das actrizes mendigando um amor interesseiro vestido de ouropeis e perfumado de Houbigant.

De modo que a maior parte das vezes as criticas são feitas nos escritorios das emprezas, pelos secretarios das mesmas, limitando-se os pseudo-criticos a assinar de cruz.

Sei que o Teatro portuguez atravessa uma grande crise derivada em grande parte da Critica servil da nossa terra, que enchendo os tabelados de *estrelas* (de cartão prateado), assoprou-lhes a vaidade, o que deu como resultado todas se julgarem á altura de constituirem companhias.

De maneira que a maiora destes nucleos de artistas, pobrissimos em qualidade, nunca podem representar sufficientemente, uma peça do velho repertorio, que nos deliciou nos tempos aureos do teatro portuguez de saudosissima memoria, em que não havia segundas figuras, pois tudo eram artistas consagrados.

Os elementos actuaes dos nossos palcos, se não estivessem tão dispersos, ainda seriam suficientes para fornecerem pelo menos duas boas companhias de declamação.

O teatro musicado é que está na agonia pela falta do seu principal atractivo, as vozes, de que temos carencia quasi absoluta; esse é que para sêr bom, só importado; custa dize-lo, mas é assim.

Por amor á Arte e ao Teatro de que sou apaixonado, vou exprimir em todos os numeros deste quinzenario, independentemente, sem tutelas de emprezarios, nem de actores e actrizes, as minhas opiniões pessoais sobre o movimento teatral da Cidade.

A melhor garantia da minha independencia nas criticas que vão ler-se, é eu conhecer os artistas simplesmente de vista, não mantendo relações de amizade absolutamente com nenhum.

Guido Severo.

O PORTO

Esta secção, na qual os leitores podem colaborar, é destinada a ser um repositório de noticias portucalenses, no genero do extincto jornal «O Tripeiro».

COISAS QUE É BOM CONHECER

Tres remedios santos e baratissimos

Quando fui para Tavora em 1861, depois de vêr as terras mais mimosas do passal—campos, vinhas, etc, a juzante da residencia, fui vêr tambem as matas supra, a montante, — e o *Campario*, então inculito. Apenas tinha na parte alta *castinheiras* ou moitas de castanheiros bravos para madeira das vinhas, empregada na *empa*, — e para vergos de gigos. Chamou me a atencção um lindo pinheiro que estava aproximadamente no sitio onde hoje passa a nova estrada de *macadam*. Teria ele vinte anos, mas por estar isolado e em chão fértil, já tinha bastante altura e um tronco de bastante espessura.

Aproximei-me dele, porque sempre gostei das arvores que avultam e porque o sitio era vistoso e alegre; mas fiquei atonito, por ver que o lindo pinheiro tinha o tronco todo cheio de cicatrizes, representando outros tantos golpes. Lembrei-me de que seria golpeado por *vingança* ou *desforço* mesquinhos, como por vezes nas aldeias cortam arvores, hortas, videiras, etc. — quando não podem vingar-se doutra forma nos donos delas.

Outras vezes matam-lhes as galinhas, os cães, patos, perús e outros animas que os donos estimam. Não me incomodaram, porém, muito os tais golpes ou cicatrizes, por serem todos anteriores á minha ida para Tavora.

Apenas tomei nota; mas passados poucos dias, voltando ao *Campario*, vi no tronco de tal pinheiro uma ferida *muito recente* que chegava ao *entre casco* e teria de comprimento *palmos e meio*!...

Fui logo para a residencia mal disposto e rosando.

Vendo-me assim o criado, disse:

— O meu amo que tem? — Parece que vem zangado!...

— Venho efectivamente mal disposto, por causa daquele pinheiro do *Campario*.

Quando, ha dias, o vi a primeira vez, notei que tinha o tronco todo golpeado e cheio de cicatrizes. Pouco me incomodei, por vêr que as feridas eram todas anteriores á minha vinda; mas agora vi lá uma, feita ontem talvez!...

— A questão é, pois, comigo e eu, se souber quem foi dar o golpe no pinheiro, que é tão lindo, — quero-lo dele!...

— Foi algum visinho que estragou as *canelas* — disse o criado, que era filho de Tavora.

— Mas que relação tem o meu pinheiro com as *canelas* dos visinhos?

— Ah! — o meu-amo não o sabe, por ser estranho á vila!...

— Aqui — disse ele — *curam todas as feridas das canelas com resina de pinheiro e*, como aquele é forte e está provimo da vila, é o que dá *remedio para as curarem todas*.

*

* *

Fiquei satisfeiteissimo com tão estranha novidade, pois sempre ouvira — ainda hoje ouço dizer *mesmo aqui no Porto* — que as tais feridas são *muito difíceis de curar!* Pelo que disse logo ao criado:

— *Se isso é assim, — golpeiem francamente não só aquele pinheiro, mas todos os pinheiros das minhas matas.*

E eram eles bastantes!

Passadas algumas horas, disse-me o criado:

— Quem estragou as *canelas* foi o *Manoel Miguel*, porque andando a pescar no Tavora, *escorregou* em uma pedra e feriu uma canela.

O bom do homem referia-se a um parouquiano visinho, e excelente pessoa, que eu já conhecia.

Em Tavora efectivamente curam todas as feridas de *canela* ou *tibias com resina fresca de pinheiro*, como tive ocaião de verificar durante os tres anos que ali me demorei.

Não ha ali memoria duma ferida de *canelas* ou *tibias cronica* — nem de darem *cinco reis* aos facultativos e farmaceuticos para as curarem.

— E não ligam *importancia alguma a taes ferimentos*, que ali são triviaes, por ser o chão da parouquia *muito fragoso e muito de-livoso*.

Logo que se ferem nas *tibias*, dão um bom golpe em um pinheiro; no dia seguinte vão colher a *rezina*, — espargem-na em um pano de linho; — cobrem com o dito emplasto a ferida toda e continuam andando, *trabalhando e comendo sem dieta*.

Passados poucos dias levantam o aparelho — e a ferida desapareceu, — *sarou por completo*!...

Isto é *facto* — e os facultativos todos bem conhecem tal remedio.

Ainda diremos que a *rezina supra* deve aplicar-se ás feridas *recentes* — não ás feridas *velhas* ou *chronicas*.

Outro remedio santo e baratissimo para curar as hemorroidas

Quando eu era paroco em Tavora, fui muitas vezes a *Riudades*, freguezia proxima, onde tinha boas relações. Estando lá certo dia palestrando com varios amigos, falou-se dos incomodos das hemorroidas que perseguem muita gente de ambos os sexos, — *rica e pobre* — e particularmente quem vive *vida sedentaria*.

Eu disse que tambem soffria bastante dos tais incomodos, o que não estranhava, porque eles levaram o meu pae á sepultura, torturado pelas areias que se lhe formavam nos rins e, passando á *bechiga*, se transformavam em *pedras* ou *calculos*.

Herdam-se os bens e herdam-se as doencas — disse eu.

— Se a doença não é outra, — disse um cavalheiro que estava presente — essa é facil de curar.

Continua.

Do livro: Tentativa Etimologica, — Taponimicas, do Rev.º Pedro Augusto Ferreira.

A PUBLICAR EM FUTUROS NUMEROS

Aberturas e encerramentos de escrituração de varias firmas.

Escrituração e calculo commercial para principiantes.

Os mais modernos e praticos metodos de calculo commercial.

Escrituração em folhas moveis e verbetes.

Educação associativa.

Noções gerais de caligrafia e de estenografia.

Direito commercial e marítimo.

Assuntos coloniais, etc. etc.

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-internato, Externato — CURSOS: Primário, Liceal (completo) e Comercial, Música, Dança, etc.

PORTO

GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

Rua da Boavista, 112

TELEFONE, 4068



VILA REAL

COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA

(FILIAL)

Palacete das Virtudes

AGENDA

JANEIRO

Dias de Festa e Feriados da Republica
Portuguesa

Dia 1, Fraternidade Universal.

» 31, Festa dos Precursores da Republica.

Sobretaxa de Assistencia

Dias 1 e 2.

Festas Nacionais Brasileiras

Dia 1. Confraternisação da Humanidade.

Contribuições

De 2 a 10. Devem os devedores e credores por aberturas de créditos, apresentar, na Repartição de Finanças, as notas de movimento desses creditos.

Dia 2. Pagam-se as anuidades da contribuição de registo por titulo gratuito.

De 3 a 15. Podem ainda pagar-se, mas acrescidas dos respectivos juros de mora,

Passado o dia 15, as que não foram pagas, são logo relaxadas para execução.

AUGUSTO DIAS & C.^A, L.^{DA}

T. da Bainharia, 2 a 10—PORTO—Rua de S. João, 136

TELEFONE, 1331

FERRAGENS, METAIS e TINTAS

ESTENOGRAPHIA

Em portugês, inglês e francês.
Ensino facil e rápido, sistema optimo.
C. CRAVEIRO—R. da Picaria, 68—Porto.

TODOS GUARDA-LIVROS

frequentando os cursos de habilitação intensiva, sob a direcção do prof. FRANCISCO GUIMARÃES (contabilista e perito).

MENSALIDADE 50\$00

INSTITUTO DE COMERCIO — Trav. A. Quental, 272

HABILITA-SE PARA CONCURSOS

OFERTAS

Guarda livros, dispondo de algumas horas por dia, encarrega-se de pequena escrituração.

Ajudante de guarda-livros com pratica de escritorio, oferece os seus serviços.

COLEGIO NUN'ALVARES

Rua Dr. Alves da Veiga (Antiga de Malmerendas) 75

Internato, semi-internato e externato (este para ambos os sexos). Instrução primaria, cursos geral complementar dos liceus (letras e sciencias) e curso comercial completo. A educação moral e religiosa está a cargo de dois sacerdotes que fazem parte da Direcção, e dum outro ecclesiastico.

E' o Colegio mais frequentado do Bairro Oriental e o que teve maior numero de aprovações em exames officiais.

Pedir informações e prospectos

Aos Directores { Rev. Dr. Candido Abilio de Almeida Gomes
Conego Adriano de Serpa Pinto
Dr. Anibal de Almeida Gomes.